Na Sua Cidade, a Chuva Cai Diferente

Do Outro Lado das Versões Imaginadas, uma Pessoa Real Espera



Laura Bellini

Na Sua Cidade, a Chuva Cai Diferente

Do Outro Lado das Versões Imaginadas, uma Pessoa Real Espera

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904688

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 5

Capítulo 1 - O Homem do Outro Lado da Tela 11

Capítulo 2 - Além do Plano Estabelecido 22

Capítulo 3 - A Luz que as Palavras Não Conseguem Corrigir 36

Capítulo 4 - As Coisas que Não Entram nas Mensagens 46

Capítulo 5 - O Direito ao Meu Próprio Tempo 58

Capítulo 6 - Antes que a Cidade Adormecesse 67

Capítulo 7 - A Manhã Depois do Beijo 77

Capítulo 8 - As Pessoas que o Conhecem Há Anos..... 88

Capítulo 9 - Aquilo que Não Pode Ser Substituído.....100

Capítulo 10 - O Lugar Onde Deixamos de Fingir 111

Capítulo 11 - Não É Apenas a Noite que Pertence aos Dois.....125

Capítulo 12 - O Lugar que Deixamos na Imaginação.....135

Capítulo 13 - O Preço de Ficar.....148

Capítulo 14 - Tudo Aquilo que Talvez Não Consigamos Salvar.....158

Capítulo 15 - O Homem que Inventamos em Nossa Imaginação 170

Capítulo 16 - A Distância Começa Antes da Partida.....182

Capítulo 17 - A Vida que Não Pode Ficar para Depois.....195

Capítulo 18 - Não Basta Dizer Desculpe..... 207

Capítulo 19 - Uma Escolha sem Ilusões.....219
Capítulo 20 - Na Sua Cidade, a Chuva Cai Diferente..... 232

INTRO

Em Londres, a chuva raramente começava de uma vez. Primeiro, os vidros escureciam, como se alguém tivesse passado uma mão molhada sobre eles. Depois, a calçada adquiria um brilho discreto e, só algum tempo mais tarde, as gotas se tornavam suficientemente densas para fazer as pessoas na rua abrirem seus guarda-chuvas. Naquela noite, eu estava sentada junto à janela de um pequeno café em Bermondsey, observando os transeuntes tomarem a mesma decisão em ritmos diferentes. Eu não precisava ter pressa. Ainda faltavam quarenta minutos para o fechamento da galeria e, depois disso, pretendia voltar ao quarto que alugava, revisar três textos da exposição e me deitar antes da meia-noite. Meu plano era simples. Talvez fosse justamente por isso que eu quisesse tanto mantê-lo intacto.

Eu havia chegado a Londres para passar seis semanas traduzindo os textos de uma exposição sobre cartas escritas por pessoas que, em algum momento de suas vidas, tentaram chamar aquela cidade de lar. O trabalho era bem definido, o prazo apertado e o pagamento suficiente para que, quando voltasse à Polônia, eu pudesse alugar um pequeno espaço para meu próprio ateliê. Havia muito tempo que eu traduzia sentada à mesa da cozinha, entre contas e xícaras que nunca chegavam à pia no momento certo. Finalmente queria ter um lugar onde ninguém deixasse sacolas de compras sobre minhas impressões e onde eu pudesse fechar a porta ao terminar o expediente. Não sonhava com uma transformação grandiosa. Bastava alguma coisa que dependesse de mim.

Na tela do laptop, o arquivo com os textos da exposição continuava aberto. Em uma das cartas, o autor escrevia que, depois de chegar à Inglaterra, demorou muito para conseguir distinguir a saudade do simples cansaço. Eu havia mantido aquela frase quase intacta. A versão sugerida pelo curador soava mais bonita, mas perdia a aspereza do original. Eu não queria que a vida de outra pessoa se tornasse mais elegante apenas porque precisava caber na parede de uma galeria.

Foi então que chegou uma mensagem de Tytus.

"Vi o arquivo novo. Podemos conversar sobre o texto número sete? Na composição, ele não está funcionando como imaginávamos."

Li a mensagem duas vezes. Não havia nada de indelicado nela. Tytus raramente escrevia de maneira indelicada. Ao longo de quase dois anos de correspondência, eu havia aprendido a reconhecer seu jeito de colocar as vírgulas, os pequenos comentários no fim das mensagens e os momentos em que fazia uma piada para não dizer alguma coisa de forma direta demais. Tudo havia começado com uma pergunta sobre uma frase de uma carta que ele pretendia utilizar em um projeto. Respondi porque era uma boa pergunta. Depois, ele enviou outra, e comecei a responder não apenas ao que perguntava. Com o tempo, passamos a trocar fotografias de lugares que não sabíamos descrever, reclamações sobre concessões profissionais e pequenas mensagens enviadas em horários nos quais pessoas sensatas já deveriam ter encerrado o expediente.

Não eram conversas em que confessávamos diariamente nossos pensamentos mais íntimos. Às vezes ficávamos vários dias sem trocar uma palavra e, então, uma única frase era suficiente para retomarmos a conversa exatamente de

onde a havíamos deixado. Tytus conseguia descrever uma sala de exposição vazia de um jeito que quase me fazia ouvir o eco dos meus próprios passos. Eu lhe enviava fotografias de inscrições encontradas por acaso nos muros e explicava por que certas palavras não podiam ser transportadas para outro idioma sem perder alguma coisa importante. Nossa amizade não precisava de uma presença diária. Ou, pelo menos, era isso que eu imaginava.

Eu sabia que ele tinha quarenta e três anos, trabalhava com projetos de exposições e era capaz de passar metade de um dia discutindo a tonalidade de uma iluminação se acreditasse que ela alterava o significado de um objeto. Também sabia que cuidava do pai, que morava nos arredores de Londres, embora nunca descrevesse essa responsabilidade como um sacrifício. Falava pouco sobre si mesmo, mas fazia perguntas atentas sobre a minha vida. Lembrava quando eu tinha uma entrevista de emprego importante e não tentava me consolar antes mesmo de saber o resultado. Quando recusei um trabalho que considerava mal remunerado, ele escreveu apenas: "Ainda bem que você não confundiu ser necessária com estar sempre disponível". Guardei aquelas palavras por mais tempo do que gostaria de admitir.

Nunca tínhamos nos encontrado pessoalmente. Havia uma razão bastante comum para isso: morávamos em países diferentes, tínhamos trabalho, compromissos e uma habilidade considerável para adiar viagens até surgir um momento mais conveniente. Agora, porém, trabalhávamos na mesma exposição, na mesma cidade, e, a partir do dia seguinte, teríamos de tomar decisões sentados à mesma mesa. Ele havia me enviado uma fotografia sua algum tempo antes, aparentemente tirada sem planejamento, de perfil,

com uma xícara na mão. Não parecia alguém que estivesse tentando impressionar. E talvez justamente por isso tivesse sido tão fácil para mim imaginar todo o resto.

Fechei o arquivo e abri a mensagem com o projeto da exposição em anexo. Tytus havia enviado aquela composição menos de uma hora antes. Eu já tinha visto a disposição na tela, mas só naquele momento percebi que ele havia reservado menos espaço do que eu precisava para o texto número sete. Minha frase fora reduzida à metade. Ainda era possível compreender o sentido, mas desaparecia a hesitação do autor da carta, aquela pequena incerteza que o impedia de soar como alguém pronunciando uma verdade pronta e definitiva.

Senti irritação e, logo depois, algo menos confortável. Afinal, Tytus conhecia minha maneira de trabalhar com traduções. Em nossas mensagens, ele já havia escrito mais de uma vez que era justamente por minha precisão que me admirava. Será que agora, quando finalmente trabalharíamos juntos, achava que bastaria me pedir um pouco de flexibilidade para que eu adaptasse minhas palavras à composição dele? Ou será que eu mesma havia concluído depressa demais que, se conseguíamos conversar sem esforço havia dois anos, também conseguiríamos tomar decisões em conjunto com a mesma facilidade?

Meu telefone vibrou novamente.

"Não quero resolver isso por e-mail. Amanhã, às nove, na galeria. Vou mostrar o que quero dizer. E já aviso: não vou concordar com o texto no tamanho atual."

Sorri brevemente, sem achar graça. Havia naquela mensagem alguma coisa que eu ainda não conhecia: a firmeza de alguém que já não precisava escolher

cuidadosamente cada palavra para manter uma conversa agradável. Durante anos, eu podia adiar uma resposta, voltar a ela uma hora depois e escolher uma frase que não soasse dura demais. Agora teríamos de ficar frente a frente, e não seria possível corrigir o tom antes de apertar o botão de enviar.

Respondi: "Estarei lá. Mas não prometo encurtar o texto."

Por alguns instantes, fiquei olhando para o cursor, como se ele pudesse acrescentar alguma coisa em meu lugar. Não acrescentou. Enviei a mensagem e guardei o laptop na bolsa. Do lado de fora, a chuva havia engrossado, e as luzes dos carros se estendiam sobre o asfalto molhado em longas faixas trêmulas. Eu tinha meus próprios planos, um contrato com a galeria e uma decisão que pretendia tomar quando voltasse para casa. Não precisava que alguém chegasse para reorganizar minha vida.

Ainda assim, enquanto caminhava em direção à saída, percebi que estava tentando imaginar como seria ouvir a voz de Tytus fora dos alto-falantes do telefone. Não a voz das gravações que às vezes acompanhavam suas mensagens, mas a voz verdadeira: com respirações, pausas e o cansaço acumulado depois de um dia inteiro de trabalho. Pensei que talvez ele também já tivesse construído uma imagem pronta de mim, feita de minhas respostas, fotografias e frases que eu escolhia cuidadosamente antes de enviá-las.

Parei por um instante junto à porta. A chuva estava mais forte do que quando eu havia entrado no café. Poderia voltar para buscar o guarda-chuva, mas não queria me sentar novamente àquela mesa e fingir que o dia seguinte seria apenas mais um encontro profissional. Se, durante dois anos, havíamos aprendido a ser importantes um para o outro, será que agora conseguiríamos nos permitir enxergar

quem realmente éramos, sem tudo aquilo que havíamos imaginado e acrescentado pelo caminho?

Capítulo 1 - O Homem do Outro Lado da Tela

Na manhã seguinte, acordei mais cedo do que pretendia. Não porque tivesse dormido mal. Simplesmente minha mente decidira que nove horas era um horário para o qual eu deveria me preparar com o devido cuidado, como se o encontro com Tytus Król fosse uma entrevista de emprego, e não o primeiro encontro presencial com um homem cujas mensagens eu praticamente conhecia de cor.

Fiquei deitada por alguns minutos, ouvindo a chuva bater no parapeito da janela. A noite anterior havia deixado em mim uma sensação desagradável de conversa inacabada. Reli a última mensagem dele, embora já soubesse quase palavra por palavra o que estava escrito. Não vou concordar com o texto no tamanho atual. A frase era firme, talvez até um pouco arrogante, mas eu não conseguia atribuir a ela uma intenção maldosa. Tytus nunca havia sido o tipo de pessoa que discutia apenas pelo prazer de vencer. Pelo menos, essa era a imagem que eu guardava dele.

Escolhi uma calça escura, um suéter creme e um casaco que resistia bem à umidade londrina. Prendi o cabelo num coque baixo, deixando algumas mechas soltas ao redor do rosto. Não queria parecer alguém que havia passado uma hora diante do espelho, embora tivesse permanecido ali um pouco mais do que o necessário. Por fim, decidi que não tinha motivo para pedir desculpas pela minha aparência nem para provar que aquele encontro não significava absolutamente nada para mim.

A galeria ficava em um antigo edifício industrial reformado, numa rua tranquila de Bermondsey. A fachada

tinha janelas altas e uma estrutura metálica escura ao redor da porta. Lá dentro, o ar cheirava a tinta fresca, madeira e café, provavelmente deixado por alguém nos fundos do prédio. Cheguei sete minutos antes do horário combinado. Preferia ter alguns instantes para observar o espaço sem a presença de outras pessoas, especialmente daquelas que poderiam considerar meu trabalho apenas um complemento para suas próprias ideias.

Sobre uma mesa comprida estavam espalhadas impressões das cartas, amostras de papel e algumas fotografias. Eu já conhecia parte dos documentos do arquivo; outros, só havia visto na tela do computador. A exposição contaria a história de mensagens pessoais enviadas por pessoas que haviam chegado a Londres e tentado encontrar seu lugar na cidade. Não se tratava de grandes narrativas sobre imigração nem de depoimentos oficiais. O que importava eram os pequenos detalhes: a descrição do primeiro quarto alugado, uma reclamação sobre a umidade do apartamento, uma receita reproduzida de memória, algumas frases sobre alguém que havia ficado muito longe.

Tytus era responsável por projetar a maneira como aqueles materiais seriam apresentados. Eu cuidava das traduções, da revisão e da forma definitiva dos textos. Em teoria, nossas funções estavam bem delimitadas. Na prática, a fronteira entre as palavras e o espaço parecia muito menos evidente.

Ouvi passos atrás de mim.

— Katarzyna?

Virei-me.

Por um breve instante, não consegui dizer nada. O homem parado a alguns passos de distância era, ao mesmo tempo, familiar e completamente desconhecido. Reconheci-o pela fotografia, mas a imagem não transmitia a maneira como ele ocupava o espaço ao redor. Era alto, tinha cabelos escuros com mechas prateadas bem visíveis nas têmporas e um rosto que carregava sinais de cansaço, sem qualquer tentativa de esconder a idade. Vestia um suéter grafite, calça escura e trazia o casaco dobrado sobre o antebraço. Parecia alguém que havia saído de casa sem pensar muito se a roupa combinava com uma exposição.

Seu olhar se deteve em mim, com um reconhecimento evidente.

— Tytus — falei, embora não houvesse dúvida sobre quem ele era.

— Em carne e osso, com um pouco menos de pixels.

Ele sorriu. Sua voz era tranquila, mais grave do que eu me lembrava das gravações. Ao vivo, cada frase parecia mais direta. Não havia uma tela entre nós que permitisse adiar uma resposta para mais tarde.

— Eu esperava que você fosse mais alto — comentei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Interessante. Eu esperava que você tivesse mais paciência com pessoas que encurtam seus textos.

— Ainda não passou nem um minuto e já estamos falando dos meus defeitos.

— Então estamos aproveitando bem o tempo.

Comecei a rir, embora não tivesse planejado fazê-lo. Havia algo de desarmante naquela resposta. Sua brincadeira não tentava aliviar a tensão a qualquer custo. Era antes uma

maneira de reconhecer que nós dois sabíamos por que estávamos ali.

Tytus deixou o casaco no encosto de uma cadeira e indicou a mesa.

— Venha. Vou mostrar o que preparei.

Aproximei-me das impressões. No centro havia uma folha grande com a planta da exposição. Passei os olhos pelas paredes marcadas, pelos corredores e pelos pontos de iluminação. O projeto era bom. Muito bom, na verdade. Tytus sabia aproveitar o espaço sem sobrecarregá-lo de elementos. Havia deixado áreas vazias na medida certa, e os diferentes trechos da exposição formavam um percurso natural. Tive a impressão de que os visitantes não apenas leriam as cartas, mas entrariam gradualmente nas lembranças de outras pessoas.

Ainda assim, não pretendia permitir que a estética se sobrepusesse ao conteúdo.

— Aqui — falei, apontando para o sétimo texto. — Você o encurtou.

— Em um terço.

— Em metade, se contarmos as frases que você eliminou.

— Não se trata da quantidade de frases. Trata-se da legibilidade.

— Legibilidade não significa retirar o sentido de um texto.

Ele me observou atentamente. Não parecia ofendido. Tinha mais a expressão de alguém que esperava aquela resposta e queria saber como eu a justificaria.

— Leia em voz alta — pediu.

Encontrei o original na impressão e li o trecho. A carta havia sido escrita por uma mulher que descrevia seu primeiro ano em Londres. Ela falava de um apartamento onde as toalhas nunca secavam, de uma vizinha que costumava levar chá para ela e do fato de ter passado muitos meses sem saber se sentia saudade de casa ou se estava simplesmente cansada de tentar encontrar seu lugar em um ambiente novo.

Quando terminei, Tytus não respondeu imediatamente.

— Está vendo? — perguntei. — Não é um texto sobre toalhas. O que importa é a incerteza que aparece entre uma frase e outra.

— Eu sei.

— Então por que você a eliminou?

Ele passou um dedo sobre a planta da exposição.

— Porque as pessoas vão ler esse texto em pé. Haverá outros visitantes na sala, a luz virá de lado e o corredor é mais estreito do que parece no desenho. Se deixarmos tudo o que você quer preservar, parte das pessoas vai ler as três primeiras frases e ignorar o restante.

— Podemos aumentar o formato.

— Não podemos. As dimensões dos painéis já foram aprovadas, e qualquer alteração significaria um custo adicional e o adiamento da montagem.

— Podemos mudar a disposição.

— Podemos, mas perderemos espaço para os originais.

— Não é problema meu que você tenha projetado pouco espaço.

As palavras saíram mais depressa do que eu pretendia. Tytus olhou para mim e depois recostou-se ligeiramente na cadeira.

— Nesse caso, é um problema meu. É exatamente por isso que estou tentando resolvê-lo.

Não respondi. Não esperava que ele reconhecesse que aquela parte do problema era responsabilidade sua. Normalmente, as pessoas encarregadas de um projeto explicavam suas limitações como se fossem leis da natureza. Ele não tentava fingir que tudo havia sido planejado perfeitamente.

— Tenho outra proposta — disse. — Não vamos escolher agora entre o seu texto e a minha composição. Vamos fazer um teste. Imprimiremos a versão completa no tamanho definitivo, colocaremos na parede e verificaremos como ela fica a partir da distância de onde as pessoas vão lê-la.

— E se funcionar?

— Mantemos a versão completa.

— E se não funcionar?

— Procuramos uma solução que não consista em simplesmente apagar frases de maneira mecânica.

A proposta parecia razoável. Isso não significava, porém, que eu pretendesse aceitá-la sem estabelecer algumas condições.

— Quero ter o direito de aprovar a redação final de cada texto.

— Você já tem esse direito no contrato.

— Quero que isso também fique claro na prática.

Tytus assentiu.

— Certo. Eu preciso do mesmo em relação à disposição. Não quero que, depois de o projeto ser aprovado, alguém altere a localização dos painéis sem conversar comigo.

— Não pretendo projetar a sua exposição.

— E eu não pretendo traduzir seus textos.

Trocamos um olhar. Havia algo naquela última frase que ia além da brincadeira. Ambos tínhamos nossas competências e não pretendíamos entregá-las à outra pessoa simplesmente porque já nos conhecíamos por correspondência.

— Muito bem — falei. — Então vamos parar de fingir que um de nós pode decidir tudo sozinho.

— Talvez seja a decisão mais sensata que tomaremos hoje.

Durante a meia hora seguinte, analisamos os outros trechos. Tytus me mostrava as visualizações, enquanto eu explicava por que algumas expressões precisavam permanecer na ordem original. Percebi que ele não me interrompia quando eu falava sobre a língua. Não concordava com tudo, mas fazia perguntas que realmente tinham relação com o problema. Quando eu apontava um trecho que, na opinião dele, não combinava com a composição, não tentava fingir que compreendia seu significado melhor do que eu.

Em determinado momento, empurrou uma folha de anotações na minha direção.

— Estas são suas observações da versão anterior?

— Sim.

— Reconheci pelo jeito como você marca as vírgulas.

— Não sabia que tinha um jeito característico de marcar vírgulas.

— Tem. Você deixa pequenas marcas na margem, como se estivesse pedindo desculpas ao texto por precisar corrigi-lo.

Olhei para a folha. De fato, ao lado de um dos parágrafos, eu havia desenhado um pequeno sinal que parecia um gancho invertido.

— Isso não é pedir desculpas.

— Então o que é?

— Um aviso.

Ele soltou uma risada baixa.

Foi naquele momento que pensei, pela primeira vez, que a presença dele poderia ser mais agradável do que eu havia previsto. Não porque concordasse comigo, mas porque conseguia perceber um detalhe que não tinha importância alguma para o projeto. Durante dois anos, eu havia escrito para ele sobre meus hábitos, mas nunca imaginei que se lembraria de algo tão pequeno.

Às onze horas, uma mulher da administração entrou na sala, apresentou-se como Helen e nos informou que a gráfica precisava receber os arquivos definitivos até sexta-feira, no máximo. Tytus perguntou se seria possível adiar o prazo por dois dias. Helen balançou a cabeça.

— Desta vez, não. A montagem começa na próxima semana. Se não entregarmos os arquivos, perderemos o horário reservado.

— Entendo — respondeu ele.

Quando ela saiu, olhei para o calendário.

— Sexta-feira?

— Sim.

— Hoje é terça.

— Eu sei. Não precisa me lembrar.

— Não estou lembrando. Estou tentando entender por que não recebi essa informação antes.

Tytus olhou para mim.

— Porque presumi que você conhecesse o cronograma.

— Conheço a data final. Não sabia que não havia nenhuma margem para atrasos.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes. Depois, tirou uma cópia do cronograma de sua pasta e a entregou sem fazer comentários.

— Você tem razão. Eu deveria ter enviado esta versão.

Aceitei a folha. Era um detalhe pequeno, mas eu não queria ignorá-lo. Ele não tentou desviar a conversa nem transferir a responsabilidade para a administração.

— Vamos precisar trabalhar rápido — falei.

— Vamos precisar trabalhar com inteligência.

— Nem sempre é a mesma coisa.

— Eu sei. Por isso é bom que você esteja aqui.

A frase soou diferente de um elogio profissional. Talvez porque ele a tivesse pronunciado sem sorrir, olhando diretamente para mim. Por um instante, não soube o que responder.

Em vez disso, guardei o cronograma na pasta.

Antes do meio-dia, combinamos que eu prepararia duas versões dos textos mais problemáticos e ele desenvolveria

uma disposição alternativa para três painéis. Na sexta-feira, tomaríamos as decisões definitivas com base nas impressões de teste. Não era o compromisso que eu esperava na noite anterior, mas pelo menos não exigia que eu abrisse mão da minha responsabilidade profissional.

Enquanto recolhia os documentos, Tytus pegou meu casaco, que eu havia deixado anteriormente na cadeira, e o estendeu para mim. Fez isso com naturalidade, sem qualquer demonstração exagerada de cortesia.

— Tem um momento? — perguntou.

— Depende. Para quê?

— Para tomar um café. Não aquele da máquina nos fundos. Gostaria de conversar sobre uma coisa que não cabe no cronograma.

Olhei para ele por um instante, tentando descobrir se era uma proposta profissional ou pessoal. Não tinha vontade de adivinhar.

— Sobre o quê?

— Sobre como imaginei nosso primeiro encontro. E sobre o quanto me enganei em alguns detalhes.

— Isso parece perigosamente próximo de uma conversa sobre expectativas.

— Podemos deixar para outro dia, se você preferir.

Ele não insistiu. Simplesmente esperou.

— Hoje não — respondi. — Ainda tenho trabalho para terminar e não quero mudar meus planos.

— Entendo.

Não perguntou se eu tinha certeza. Não tentou me convencer de que seria apenas por alguns minutos. Assentiu e voltou a recolher as impressões.

Também percebi isso.

Saí da galeria alguns minutos depois. A chuva havia diminuído, e o ar estava frio e úmido. Caminhei algumas dezenas de metros antes de perceber que estava sorrindo. Não era o sorriso de uma mulher que acabara de conhecer o amor da sua vida. Eu era sensata demais para isso. Era mais o sorriso de alguém que havia descoberto que uma pessoa conhecida podia surpreendê-la de uma maneira inesperada.

Tytus não era tão perfeito nem tão difícil quanto eu o havia imaginado na noite anterior. Era objetivo, às vezes teimoso, atento aos detalhes e suficientemente seguro de si para não tratar cada divergência como uma ameaça. Também tinha o hábito de tomar decisões depressa demais, antes de se certificar de que todos conheciam as condições.

Eu sabia mais sobre ele do que sobre a maioria das pessoas que encontrava no cotidiano e, ainda assim, depois de uma hora de conversa, tinha a impressão de que mal havia começado a conhecê-lo.

Uma nova mensagem apareceu no meu telefone.

"Obrigado pela conversa de hoje. E pelo aviso sobre as vírgulas. Vou tomar cuidado."

Só respondi alguns minutos depois.

"Não prometo que isso vá ajudar."

Guardei o telefone no bolso e segui em direção à estação. Pela primeira vez desde que havia chegado a Londres, pensei que aquelas seis semanas poderiam ser muito mais imprevisíveis do que eu havia planejado.

Capítulo 2 - Além do Plano Estabelecido

Voltei à galeria na manhã seguinte, às nove horas, desta vez sem precisar convencer a mim mesma de que estava ali exclusivamente por obrigação profissional. Eu havia preparado duas versões dos textos, anotações sobre os outros documentos e uma lista de perguntas relacionadas aos materiais do arquivo. Ainda assim, não pretendia fingir que a mensagem de Tytus na noite anterior não havia me agradado.

Ele chegou alguns minutos depois de mim. Trazia dois copos de café e uma sacola de papel de uma padaria do outro lado da rua.

— Não sabia como você toma café — disse, colocando os copos sobre a mesa. — Trouxe um preto e outro com leite. Sem açúcar nos dois, porque não me lembrava se você costumava usar.

— Normalmente, não uso.

— Então acertei pela metade.

— É um resultado bastante bom para alguém que recebeu mensagens minhas sobre praticamente tudo durante dois anos.

— Sobre tudo, não. Você nunca me contou qual café costuma pedir.

— Nunca imaginei que essa fosse uma informação importante.

— Eu também não. Até ontem.

Ele olhou para mim com um leve sorriso. Escolhi o copo com leite. Não pretendia analisar aquele gesto, embora uma

parte da minha mente tivesse registrado que ele se lembrara de pelo menos uma coisa: não me trazer uma bebida doce com xarope.

As impressões de teste já estavam sobre a mesa. Tytus as organizara na sequência em que apareceriam nas paredes. Durante a hora seguinte, trabalhamos quase sem interrupções. Minha versão mais longa do texto mostrou-se legível, mas exigia um espaçamento maior entre as linhas. Tytus sugeriu mudar a fonte. A primeira opção não me agradou, então preparou uma segunda e depois uma terceira. Quando apresentou a última, parei de procurar argumentos contra a ideia.

— Esta está boa — admiti.

— Eu sei.

— Não precisa ficar tão satisfeito.

— Não estou satisfeito. Só estava esperando você dizer isso desde cedo.

— Então está satisfeito, sim.

— Um pouco.

Ele me entregou a impressão. As letras pareciam mais leves, com formas mais abertas. Não chamavam a atenção pela aparência, mas permitiam que o leitor se concentrasse no texto. Compreendi por que ele havia escolhido aquela fonte. Não queria ornamentar as palavras de outras pessoas. Queria dar espaço para elas.

— Por que você projeta exposições? — perguntei antes que conseguisse me conter.

Ele ergueu os olhos.

— É uma pergunta bastante pessoal para as nove e quarenta.

— Você não precisa responder.

— Não, não tem problema. Só estou tentando entender por que está perguntando agora.

Dei de ombros.

— Porque estou vendo que você sabe o que está fazendo. E, durante a maior parte das nossas conversas, falava dos projetos como se fossem apenas alguma coisa que precisava fazer.

Ele girou um lápis entre os dedos por alguns instantes.

— Antigamente, eu achava que projetar exposições significava mostrar coisas. Depois compreendi que o mais importante é aquilo que uma pessoa pode sentir ou recordar quando está diante delas. Um objeto sem contexto é apenas um objeto. É a maneira como você o apresenta que permite a alguém enxergar nele alguma coisa própria.

— Parece uma frase que deveria estar no seu portfólio.

— Detesto portfólios.

— Por quê?

— Porque você precisa mostrar apenas aquilo de que se orgulha. E não quero fingir que todas as minhas decisões foram boas.

Ele falou sem qualquer dramatismo. Não estava tentando despertar minha compaixão. Simplesmente considerava desnecessário apresentar-se como alguém que nunca cometia erros.

— É uma postura bastante rara — observei.

— Talvez. Mas seria muito mais fácil trabalhar se eu não precisasse me lembrar de todas as coisas que deixei de fazer.

Não insisti. Sabia, pelas mensagens anteriores, que ele tinha um pai de quem cuidava e responsabilidades que ocupavam uma parte considerável de sua semana. Entretanto, desconhecia os detalhes e não queria tratar aquele conhecimento como um convite para interrogá-lo.

Em vez disso, voltei às impressões.

— Ainda precisamos definir quem vai aprovar os textos depois da revisão.

— Você.

— E se você quiser mudar a posição deles?

— Então conversaremos.

— Quero que qualquer alteração no texto, depois de aprovado, passe por mim. Mesmo que seja apenas uma palavra.

— Concordo. Eu quero ter o direito de vetar alterações na disposição espacial que afetem a maneira como a exposição é percebida.

— Isso é razoável.

— Então acabamos de fechar um acordo.

— Não. Definimos as regras de colaboração. O contrato está em algum lugar do arquivo de Helen.

Tytus riu e anotou nossos acordos em seu caderno. Sua letra era cuidadosa, ligeiramente inclinada para a direita. Quando puxou a folha para mais perto, percebi que havia desenhado na margem um pequeno esquema da sala, com os corredores e os pontos de iluminação marcados.

— Você faz isso automaticamente? — perguntei.

— O quê?

— Desenha plantas enquanto conversa.